

“Alguém Afim de TC Comigo?”*
(refletindo a família e as relações de gênero no ambiente virtual)

Magda Fernanda Medeiros Fernandes
UFPE

Palavras-chave: sexualidade virtual, gênero, família.

"Um movimento geral de virtualização afeta hoje não apenas a informação e a comunicação mas também os corpos, o funcionamento econômico, os quadros coletivos da sensibilidade ou o exercício da inteligência. A virtualização atinge mesmo as modalidades do estar junto, a constituição dos nós". (Pierre Levy, 1999)

A exposição que se segue faz parte da proposta de estudo a ser desenvolvida no curso de doutorado em sociologia e trata-se de impressões extraídas dos primeiros contatos com o objeto de estudo. Pretende-se, no momento, refletir sobre o impacto da sexualidade virtual na estruturação da família e nas relações de gênero, procurando identificar se os espaços virtuais reforçam os padrões familiares e sexuais preexistentes, mantendo as relações de poder; ou se a nova oralidade da comunicação baseada no anonimato, espontaneidade e informalidade oferece uma oportunidade de reversão dessas relações.

Nortearam a discussão as seguintes questões: Será que a sexualidade não-reprodutiva, desenvolvida em contexto da Comunicação Mediada por Computadores (CMC)¹, encontra-se em oposição à sexualidade reprodutiva, institucionalizada na família; ou o que se pretende é, em uma vasta busca na rede mundial de computadores,

* Trabalho apresentado no XIII Encontro da Associação Brasileira de Estudos Populacionais, realizado em Ouro Preto, Minas Gerais, Brasil de 4 a 8 de novembro de 2002.

¹ O CMC é um tipo de comunicação eletrônica, estruturada em rede e com capacidade de comunicar-se em uma linguagem digitalizada. Suas características criam as condições tecnológicas para a comunicação horizontal global, possibilitando maior abrangência e maior capacidade de inclusão de qualquer tipo de mensagens. Desta forma, a CMC suporta a propriedade da virtualização dos corpos (Levy, 1996). A virtualização dos corpos consiste no desengate do corpo do espaço físico e geográfico e, na criação, juntamente com outros corpos virtualizados, de pequenos grupos reunidos num espaço virtual comum, mesmo que cada componente esteja em locais distintos, em frente aos seus computadores.

encontrar a outra "cara-metade" e efetivar a formação de uma família? Será o fim da família dentro da rede; ou a rede é o meio para se chegar à família?

Os pontos tratados incidiram especificamente na escolha dos pares, namoro e formação do casal, objetivando investigar a múltipla (ou nova) configuração da intimidade no contexto da sexualidade virtual. Para tanto, a análise foi fundamentada nos diálogos encontrados e desenvolvidos a partir do conhecimento e uso do sexo e das amizades virtuais, via a rede mundial de computadores - Internet, nos ambientes de chat - salões de entretenimentos e 'bate-papo'.

O restante da exposição está estruturada em 6 sessões. A primeira sessão delinea as transformações demográfica da família brasileira. A segunda sessão trata de desvendar a sexualidade virtual, destacando suas especificidades a partir da percepção do que é virtual. (REFAZER). A terceira sessão demarca a sexualidade como construção social, definindo-a em relação à reprodução, gênero e sentimentos. A Quarta sessão descreve as características gerais do ciberespaço. Nas sessões cinco e seis detalha-se um chat, descrevendo e analisando os seus diálogos. Por último, as considerações gerais estabelece os possíveis impactos da sexualidade virtual na configuração da família e nas relações de gênero.

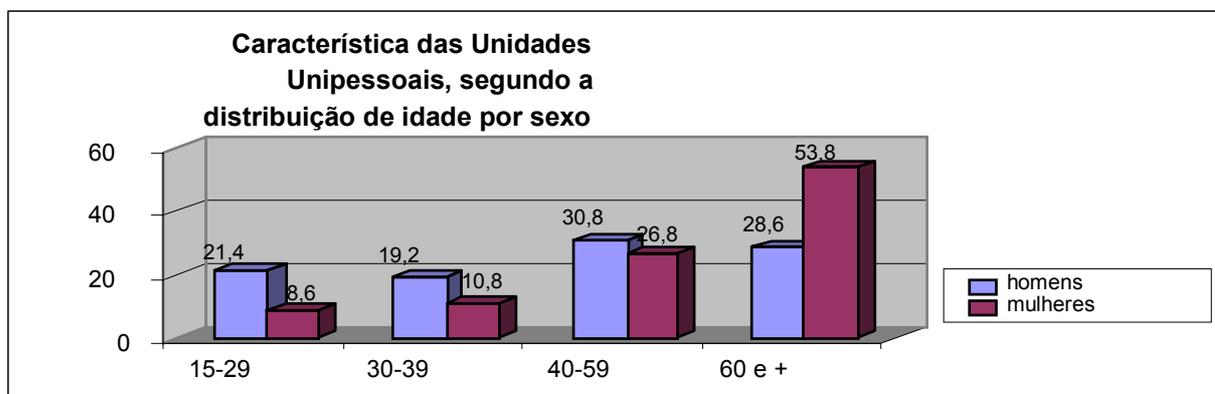
Transformações demográficas na família brasileira

Sabe-se que o patriarcalismo é a estrutura dominante da sociedade contemporânea e tem como base a família patriarcal. A família patriarcal fundamenta-se sob a autoridade e hierarquia do homem sobre a mulher, e assenta-se em casamentos permanentes, heterossexualidade compulsória, fins reprodutivos e repressão sexual acentuada. Nos últimos anos, as transformações na família patriarcal apontam para uma crise desse modelo. Castells(1999b) sugere que o motivo de tais transformações tem por base quatro elementos:

- a) Acesso da mulher ao mercado de trabalho e à educação;
- b) Controle da reprodução humana e a autonomia da sexualidade feminina;
- c) Impacto de movimentos sociais, particularmente do movimento feminista;
- d) Difusão de idéias em uma cultura globalizada.

No Brasil, o perfil demográfico da família vem refletindo tais transformações. Goldani(1991), analisando os dados do Censo e pesquisas domiciliares de 1980, já anunciava a tendência a fragmentação dessas estruturas familiares identificando a diminuição da taxa de crescimento do arranjo pais com filhos, em detrimento do crescimento da taxa de crescimento dos arranjos unipessoais² e monoparentais, sobretudo mulher com filhos. Segundo Goldani, mesmo representando 6,8% da distribuição dos arranjos domésticos em 1989, os arranjos unipessoais foram a forma de arranjo doméstico que teve o mais elevado aumento na taxa de crescimento nessa década. Goldani constata que os arranjos unipessoais, embora formados por uma população feminina ligeiramente superior a masculina, apresentam uma estrutura etária bastante diferenciada. Os homens estão relativamente distribuídos em todas as faixas etárias, enquanto as mulheres concentram-se predominantemente nas faixas mais velhas, sobretudo acima dos 60 anos (ver gráfico 1). Goldani atribui essa diferença ao fato de que os homens alcançam sua independência financeira mais cedo e optam por morar sozinhos independente de sua situação conjugal; e as mulheres, ainda presa a valores culturais, estão mais propensas a residir sozinha somente após a experiência de um casamento desfeito por morte ou separação. Neste sentido, Goldani destaca a crescente ruptural matrimonial (separação e divórcios) como fator determinante para o aumento de taxas de crescimento dos arranjos unipessoais.

Gráfico 1. Características das unidades unipessoais, segundo a Distribuição de Idade por sexo. Brasil, 1984.



Fonte: PNAD, 1984

² De acordo com o IBGE, arranjos unipessoais são considerados arranjos não-família.

No que concerne aos arranjos monoparentais, Goldani afirma que o aumento desses arranjos incide sobre o aumento da representatividade das mulheres chefes de famílias. A situação conjugal predominante dessas mulheres chefes de família em 1989 era solteiras, diferentemente de 1960, onde predominam as viúvas.

Em estudos mais recentes, Berquó (2001), centrada na análise da chefia feminina no Brasil, confirma as tendências de crescimento dos arranjos monoparentais e unipessoais apresentadas por Goldani. Segundo Berquó, o crescimento das chefias femininas praticamente dobrou nos últimos trinta anos. De 13% em 1970 passou a representar 26% em 1999. A estrutura doméstica das famílias com chefias femininas mostra que quase dois terços são do tipo monoparental; 17% são chefiados por mulheres que moram sozinhas; seguidas de 9% de mulheres chefiando a casa, mesmo na presença do marido (ver tabela 1). Berquó sugere que esse resultado pode refletir desde a situação em que a mulher é a única ou a mais importante provedora da família até um ligeiro indício de simetria de gênero.

Tabela 1. Chefias Femininas, segundo Tipo de Arranjos. Brasil, 1991 e 1998

	Monoparental	Só	Casal c/ ou s/ filhos	Parente	outras
1991	67,3	16,3	5,3	9,8	1,2
1989	64,03	17,0	9,1	8,9	0,5

Fonte: Censo 1991 e PNAD 1998

Em seu conjunto, a conformação familiar brasileira, através do crescimento dos arranjos monoparentais e unipessoais, aponta para o enfraquecimento da forma tradicional de família, colocando em xeque sua estrutura e seus valores (casamentos permanentes, heterossexualidade compulsória, fins reprodutivos e repressão sexual acentuada), particularmente no tocante a redefinição de papéis de homens e mulheres. Tal conformação possibilita a manifestação de novas formas de convivência e relacionamentos, que não necessariamente estão ligadas aos fins procriativos ou matrimoniais. Neste contexto, surge a sexualidade virtual.

Desvendando a sexualidade virtual

Mas o que é mesmo essa sexualidade virtual? Trata-se de uma nova forma de sexualidade gerada fora do seio familiar³ e construída em um espaço virtual. A

sexualidade virtual é marcada pela liberação sexual e caracteriza-se pela desvinculação do casamento, da heterossexualidade compulsória e da procriação. Desta forma, a sexualidade virtual assinala uma crescente individualização dos relacionamentos, baseada nas relações interpessoais. A base de afinidade dos relacionamentos da sexualidade virtual se processa por intermédio de um sistema de comunicação digital. A simulação nesse ambiente virtual possibilita a sensação de um outra realidade: a realidade virtual. Considera-se, assim, que a virtualização é a propriedade que exprime a essência dessa configuração da sexualidade. Apoiado nas afirmações de Levy(1999), reconhece-se que apesar do virtual ter uma afinidade com o iJuliinário, a ilusão - dado que não tem uma efetuação material - o virtual não se opõe ao real. A oposição enganosa entre o real e o virtual deve-se a uma das suas principais modalidades: a desterritorialização. A desterritorialização consiste no desprendimento do aqui e agora. Conforme sugere Levy, essa desterritorialização contém a indicação da "não-presença":

"Quando uma pessoa, uma coletividade, um ato, uma informação se virtualizam, eles se tornam "não-presentes". Uma espécie de desengate os separa do espaço físico ou geográfico ordinário e da temporalidade do relógio e do calendário. É verdade que não são totalmente independentes do espaço-tempo de referência, uma vez que devem sempre se inserir em suportes físicos e se atualizar aqui ou alhures, agora ou mais tarde" (Levy,1999:21).

Convém esclarecer que não se trata de deflagrar o fim do tempo ou do espaço, mas em alterar a forma de concebê-los. Desta forma, "não se pode mais considerar uma única extensão ou cronologia uniforme, mas uma quantidade de tipos de espacialidade e de duração(Levy,1999:22)". Similarmente, os corpos das pessoas que se virtualizam estão ao mesmo tempo aqui e lá. Conquistam novos espaços e adquirem novas velocidades. Não desencarnam, reencarnam-se a partir da (re)construção da identidade, assumindo uma "quase presença".

Sexualidade: demarcando fronteiras

É no contexto das realidades virtuais compartilhadas que este estudo pretende analisar a sexualidade. Abordar a sexualidade, no entanto não é tarefa fácil. Inserida no terreno híbrido do biológico e cultural, do pessoal e social, não existe uma forma

unívoca para tratar a sexualidade. Bozon(1993) e Loyola(1998), por exemplo, efetuando balanço das idéias, temas pressupostos, conceitos e interesses em torno da sexualidade, constatam que a mesma pode se abordada das mais variadas formas: em relação a família, parentesco, casamento e aliança, como constitutiva da subjetividade, da identidade individual e coletiva, como representação, desejo, como ameaça da ordem social, problema biológico, genético, político, moral, ou simplesmente atividade sexual.

Sendo assim, as relações abaixo parecem emergir como forma de abordagem da questão:

- **RELAÇÃO REPRODUÇÃO – SEXUALIDADE:**

A primeira questão refere-se a relação reprodução e sexualidade. Tal relação deve-se a dupla referência da sexualidade: impulsos biológicos e regulamentação social. Neste sentido, esta proposta procura fundar a investigação sobre a sexualidade nos marcos da cultura e da sociedade, desvinculando-se de qualquer forma de essencialismo e recusando, por conseguinte a concepção naturalizada da sexualidade. A busca de compreender a sexualidade como construída histórica e socialmente tem sua expressão maior nas obras de Foucault (1926-1984). Para Foucault, a sexualidade é uma elaboração social que opera dentro dos campos do poder. Poder, aqui deve ser entendido, não necessariamente como uma coisa negativa ou repressora, mas positiva e mobilizadora. Existem mecanismos de poder sutis e delicados: “novos procedimentos de poder que funcionam, não pelo direito, mais pela técnica, não pela lei mas pela normalização, não pelo castigo mas pelo controle, e que se exercem em níveis e formas que extravasam do Estado e de seus aparelhos.” (Foucault, 1997:86).

- **RELAÇÃO SEXUALIDADE - SISTEMA DE GÊNERO/SEXO:**

Intrinsecamente relacionada a reprodução, uma outra questão abordada refere-se a relação entre sexualidade e sistema de sexo/gênero. Segundo Foucault, a sexualidade é “ponto de passagem de relações de poder entre homens e mulheres; jovens e velhos; pais e filhos. Nas relações de poder, a sexualidade não é um ponto mais rígido, mas um dos dotados de maior instrumentalidade: utilizável no maior número de manobras, e

podendo servir de ponto de apoio, de articulação às mais variadas estratégias (Foucault,1997:98). ” Considera-se assim, que a diferença entre os corpos é uma das referências recorrentes pelas quais o poder é exercido e legitimado. Neste sentido, aqui também esforça-se para desnaturalizar esta relação, destacando que :

“As diferenças entre os corpos que são ligadas ao sexo, são constantemente solicitadas para testemunhar as relações e fenômenos sociais que não tem nada a ver com a sexualidade. Não só testemunhar, mas testemunhar a favor, isto é, legitimar.”.(Maurice Godelier, The Origins of Male Domination, New Left Review, 127, may-june, 1981. P.17. Citado por Scott, 1993:17)

Neste sentido, considera-se que gênero constitui-se em categoria de análise ao atravessar a história e permear as várias esferas do tecido social: produção e reprodução, esfera pública e privada. A concepção de gênero enquanto categoria de análise baseia-se nas formulações de Joan Scott. Para Scott(1993:14) “gênero é um elemento constitutivo das relações sociais, baseadas nas diferenças que distinguem os sexos; e o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder”.

- **RELAÇÃO SEXUALIDADE SENTIMENTOS:**

Um outro aspecto abordado trata da relação da sexualidade com os sentimentos., uma vez que as formas de amor orientam, mesmo que idealmente, as escolhas amorosas e matrimoniais na sociedade. Do ponto de vista da tradição patriarcal, os sentimentos terminam por ser definidores de uma sexualidade masculina e feminina, marcados pela hierarquia que perpassa a relação entre os gêneros.

O Ciberespaço

A fim de contextualizar a abordagem em questão, convém retornar à Sociedade Informacional. Sociedade Informacional foi o termo cunhado por Castells (1999a) com o propósito de precisar "uma forma de organização social em que a geração, processamento e transmissão da informação tornam-se as fontes fundamentais de produtividade e poder devido às novas condições tecnológicas surgidas nesses momento

histórico (!999a:46)". Na sociedade informacional inaugura-se uma nova forma de comunicação: a comunicação eletrônica.

O sistema de comunicação eletrônica estabelece-se com base na interação humano-máquina. De um lado as pessoas concebem, implementam e usam sistemas de computador interativos; ao mesmo tempo que os computadores afetam indivíduos, organizações e a sociedade.

Tal espaço de "convivência digital entre organismos pensantes (pessoas), conectados por uma estrutura virtual de troca de informações em escala mundial e constante evolução" é definido por Fernandes como ciberespaço (*cyberspace*), ou, em outros termos, espaço virtual. Uma das aplicações do Ciberespaço é a realidades virtuais compartilhadas. As realidades virtuais compartilhadas evocam o conceito de comunidade. Isto deve-se a interação desenvolvida entre os participantes, onde a frequência dos encontros criam uma identidade grupal. Na maioria dos casos, os participantes desses espaços estão unidos pelos mesmos interesses, quer seja uma discussão temática, um encontro amoroso ou simplesmente um bate-papo. Neste sentido um dos principais canais de realidades virtuais compartilhadas é o Chat. Os Chats consistem em um espaço de conversação síncrono e unidirecional, sem necessariamente um objetivo pré-definido. Conforme afirma Fernandes: "Usuários de um chat não deixam nenhum "risco na parede", nenhum "objeto esquecido em um canto da sala" e nenhum "traço de sua personalidade" fica presente após sua saída. Essa característica possibilita que os participantes assumam identidades múltiplas, de acordo com os seus objetivos. Por exemplo, a identidade sexual exposta em um chat, poderá não necessariamente corresponder a identidade real do participante.

Visitando um Chat

Desta forma as impressões expostas a seguir serão baseadas em visitas realizadas em chats durante o mês de junho de 2002 no Portal⁴ da Universo On Line (UOL), de expressiva circulação nacional.

⁴ Portal é uma empresa (site) que oferece um conjunto de serviços a Internet.

Um chat é vulgarmente conhecido como “salões de bate-papo”. Os Salões são divididos em grupos e classificados de acordo com os temas de conversação, segundo os interesses para encontro, sexo, tema livre e outros; podendo também ser estratificados por idade e lugar. Cada grupo é dividido em sub-grupos que especificam com maiores detalhes o tipo de grupo com quem se quer conversar. No grupo de sexo, existem os sub-grupos gays, lésbicas, a dois, heterossexuais etc.. Dentro desses sub-grupos existem as salas e estas recebem nomes designados pelos seus criadores. Os nomes são mais sugestivos e de alguma forma procuram espelhar o interesse dominante da sala. Num grupo de sexo, por exemplo, foram encontrados os seguintes nomes: sozinha em casa; casadas que traem; brincando de médico; Korninhos vem cá; entre outros.

Neste sentido, os usuários assumem uma posição ativa de definir com precisão os interesses que os levam aos chats. Tal postura atinge particularmente as mulheres que se vêem confrontadas com a tradicional posição de passividade, frequente nas relações sexuais e afetivas.

Antes de acessar os salões, existe um dispositivo eletrônico de controle e censura de mensagens automáticas, inclusive de pornografias e propagandas não-autorizadas. No caso dos salões de grupos de menores faixa etária, há também uma série de informes alertando sobre os riscos de pedofilia e violência sexual virtual, indicando possíveis procedimentos para aqueles que se sentem ameaçados. Esses dispositivos desfavorecem a noção da inexistência de censura e controle a esse acesso, francamente veiculada no meio.

O acesso a sala é possibilitado através da introdução de um apelido também conhecido como “Nickname”. O Nickname é o elemento que identificará o usuário durante toda a conversação. Os Nicknames assumem assim as mais variadas formas e os mais variados significados, designando desde simples nomes, como Fábio ou Andreia ou características físicas e idade, como loira, 23; até metáforas que expressam seus interesses e qualidades, como, gatinho faminto, Sou todo seu, 100% gostosa, caminhão quer garagem. Podem ser escritos de maneira simples ou criativa como Niçofa\$, #ReN@TiNh@# ou ***AnJiNhO***. Neste sentido, são oferecidos opções de cores e figuras (caretas) que, acrescentados ao Nickname, servem também para chamar a atenção. Na realidade, a definição do Nickname e da forma como é expresso na tela é a

única forma inicial de apresentação e tem importância fundamental para o usuário das salas de bate-papo, pois tem a função de atrair parceiros. Através do interesse do Nickname esboçado pelos outros usuários a conversação poderá ou não ser iniciada. Caso o Nickname não desperte nenhum atrativo, o usuário correrá o risco de entrar na sala e manter-se esquecido.

Mesmo que nem sempre o nome (virtual) espelhe as características reais do usuários, em alguns casos são explicitados apenas o que o indivíduo deseja revelar, em outros, o que deseja ocultar, ou ainda a juliam que quer projetar de si mesmo ou dos outros. Neste sentido, os Nicknames podem ser qualificados de um bom Nicknames ou de um Nickname ruim., sendo considerado bom aquele que sugere e possibilita muitos contatos. O Nickname representa, assim, a primeira tentativa de construção da identidade do usuário.

Um importante aspecto aqui refere-se a flexibilidade da identidade no ambiente virtual, criando infinitas possibilidades de combinações de personalidade e situações sexuais. É comum nos primeiros contatos preocupar-se com o sexo do parceiro virtual, procurando saber se realmente é homem ou mulher. Outros elementos como idade, altura, cor e tipo de cabelo etc são questões recorrentes à composição do outro. Fomentado pela dúvida se as informações são verdadeiras, é bastante frequente questões repetidas e redundantes buscando coerência discursivas. A percepção do outro é restringida pelo próprio nível textual da relação. Neste sentido são utilizados signos especiais e absolutamente específicos dos salões de chat: os “emoticons”. Os emoticons procuram representar iconicamente emoções, tais como :) para sorriso; ;) para indicar uma piscada de olho, substituindo expressões faciais, interjeições ou qualquer outra possibilidade expressiva do corpo. Além dos emoticons, outro aspecto característico da linguagem dos chats é a escrita cheia de abreviaturas, funcionando como um verdadeiro código entre os usuários. Na procura de entonar as falas, uma outra opção quando se quer chamar a atenção de alguém é comunica-se com o outro gritando, ou simplesmente reservar sua fala através do sussurro. Um dos aspectos característicos da interação é a dinâmica com elas são estabelecidas. Muitas interações começam e são encerradas em questões de segundo. Neste sentido, a rapidez de perguntas e respostas é importante para manter o “outro preso a conversa, evitando uma dispersão diante das opções oferecidas no chat.

Os salões de chats possibilitam o encontro público de varias pessoas: dez, vinte trinta ou mais pessoas. No entanto, o comportamento habitual é restringir ao espaço privado, falando reservadamente, as tentativas de flerte, sedução e sexo. Ao que parece, apesar do anonimato eminente do espaço virtual, existe um receio a exposição pública do desempenho sexual (ou afetivo) reproduzindo uma certa internalização da repressão sexual.

Conversando no chat

Abaixo segue a reprodução de trechos de diálogos realizado num chat de bate-papo enfatizando a escolha e formação dos pares. O chat selecionado para ser exemplificado aqui foi estratificado por idade e observado por 20 minutos. Durante esse período circularam cerca de 80 usuários, maioritariamente homens. Da entrada a saída da sala esses usuários permaneceram, em média, cerca de 5 minutos, apresentando uma alta rotatividade. O percurso desses usuários é marcado por uma tentativa de iniciar algum tipo de conversação. Em geral, os homens procuram estabelecer contatos com mulheres e vice-versa. Com exceção dos salões reservado a homossexuais, a heterossexualidade é predominante. Neste sentido, os nicknames que não expressam de imediato o sexo do usuário, precedem do questionamento - você é homem ou mulher? afim de se estabelecer a relação

Direcionada ao público em geral ou a um usuário específico da sala, a chamada - Alguém afim de tc? sinaliza o interesse em estabelecer uma conversação. Os homens ainda são predominantes nessa investida. As mulheres, de forma tímida, apontam para a tentativa de romper a concepção passiva de que o desejo (ativo) feminino não existe, tomando em alguns casos, a iniciativa de começar a interação. No entanto, a quebra da relação que identifica o masculino com razão e desejo e feminino com a emoção e afetividade, ainda está longe de ser totalmente rompida, mesmo no ambiente virtual. Neste contexto, a sexualidade masculina reproduz o padrão macho-ativo e femea-passiva. Note no exemplo (A) abaixo que **g0\$to\$@o** reproduz o padrão macho-ativo desde a escolha do seu nickname, construindo sua identidade a partir da performance sexual. O jogo de sedução está presente desde o início. Suas investidas diretas (interesse em uma relação sexual), no entanto, não são correspondidas pelas mulheres (lembrem-

se que trata-se de um chat de bate-papo, e embora não elimine a possibilidade de encontro sexuais, não é claramente esse o objetivo). O insucesso da investida direta de **g0Sto§@o** torna-se evidente a medida que ele sai da tentativa de realizar um “papo quente”, passa por um “tc normal”, chegando a implorar um “por favor”. A recusa das mulheres aos apelos do **g0Sto§@o** sugere também a reprodução do feminino ligado ao emocional e afetivo, ou as tidas preliminares.

Um outro destaque a ser mencionado em relação a esse diálogo refere-se a multiplicidade de parceiros que poderiam ser estabelecidos no decorrer das interações. Isto, em parte, deve-se ao propósito de integração da rede dada a sua própria velocidade.

É **g0Sto§@o** que, na condição de homem, fala mais e escreve mais. Porém suas falas são moldadas por perguntas muito diretas e frases curtas. A simplificação de vocabulário procura, além de responder a velocidade da rede, tornar o mais próximo possível a linguagem natural da fala. Tal característica é predominante nas escritas utilizadas nas salas de bate-papo.

(Exemplo A) - Diálogos no Chat

(16:57:03) g0\$to\$@o grita com TODOS: **Alguma gata afim de ficar molhadinha???**

(16:57:16) THUTHUCA: **entra na sala...**

(16:57:26) 100% GOSTOSA: **entra na sala...**

(16:57:26) g0\$to\$@o grita com 100% GOSTOSA: **topas??**

(16:57:41) g0\$to\$@o fala para THUTHUCA: **oi gata q tc?**

(16:58:06) THUTHUCA fala para g0\$to\$@o: **SIM**

(16:58:44) g0\$to\$@o fala para THUTHUCA: **vamos tc papo quente?**

(16:59:03) THUTHUCA grita com g0\$to\$@o: **NÃO**

(16:59:16) g0\$to\$@o fala para _CaRiNhOsA_: **q tc**

(16:59:37) g0\$to\$@o fala para 100% GOSTOSA: **quer tc?**

(16:59:47) THUTHUCA: **sai da sala...**

(17:00:02) g0\$to\$@o fala para m@ri: **vamos tc papo quente**

(17:00:17) g0\$to\$@o fala para m@ri: **??????**

(17:00:26) g0\$to\$@o fala para m@ri: **ou tc normal**

(17:01:09) g0\$to\$@o fala para m@ri: **pelo menos responde**

(17:02:09) g0\$to\$@o fala para deusa da beleza: **oi quer tc?**

(17:02:32) g0\$to\$@o fala para deusa da beleza: **por favor**

(17:02:36) g0\$to\$@o: **sai da sala...**

O exemplo “B” trás uma relação entre homem e mulher. Aqui também, o homem toma a iniciativa de lançar a chamada geral, convidando mulheres para teclarem. Neste caso, porém, a postura da mulher remete a uma conotação diferente na medida em que Juli tem a autonomia de decidir estabelecer essa relação. Convém perceber que a escolha do nickname =βëjjöqμëi@ö= por Juli logo na segunda fala foi intencional, respaldada pelos seus desejos de receber beijos. Essa atitude também fragiliza a associação tradicional entre mulheres e emoções e afetividades.

(Exemplo B) - Diálogos no Chat

“16:58:17) =βëjjöqmëj@ö= reservadamente grita com TODOS: **alguma gatinha a fim de tc comigo ?**
(16:58:31) =βëjjöqmëj@ö= reservadamente grita com TODOS: **alguma gatinha a fim de tc comigo ?**
(16:59:11) Juli fala para =βëjjöqmëj@ö=: **oi, beijoqueiro!**
(16:59:32) =βëjjöqmëj@ö= reservadamente grita com Juli: **oie gatinha quer um beijinho ?**
(17:00:50) Juli fala para =βëjjöqmëj@ö=: **se eu escolhi vc só pode ser para isso”**

Utilizando-se de estímulos estereotipados, como a forma de beijo, ou da presença de fetiche dos mais tradicionais como a calcinha, ou da importância atribuída a virgindade; o =βëjjöqmëj@ö= propõe em seu jogo de sedução expressões pré-fabricadas e valores similares ao mundo real. Note que a Juli também contribui para manter as fantasias de =βëjjöqmëj@ö= e não foge a linguagem comum machista

(Exemplo B) - Diálogos no Chat

(17:13:04) =βëjjöqmëj@ö= reservadamente fala para Juli: **qual a cor calcinha que vc tá usando agora gatinha sem mentir ?**
(17:14:00) Juli fala para =βëjjöqmëj@ö=: **uma minúscula calcinha branca, enfeitada de rendas**
(17:14:28) =βëjjöqmëj@ö= reservadamente fala para Juli: **nossa gatinha que delicia !!!!!**

Aparentemente =βëjjöqmëj@ö=: dá o ritmo da conversa. Mas Juli em algumas situações é quem está no comando. Ela é quem, interrompendo o desempenho de =βëjjöqmëj@ö=:, pergunta qual é sua idade; de onde ele é; e define o tipo de carinho que quer receber.

(Exemplo B) - Diálogos no Chat

(17:03:37) Juli fala para =βëjjöqmëj@ö=: **me diga quantos anos vc tem, para eu saber se vc sabe realemnete beijar!**
(17:03:59) =βëjjöqmëj@ö= reservadamente fala para Juli: **tenho 20 gatinha alguma duvida !!!!!???**
(17:05:05) Juli fala para =βëjjöqmëj@ö=: **nao, agora eu tenho certeza que voce perito no assunto**
(17:05:25) =βëjjöqmëj@ö= reservadamente fala para Juli: **e vc quantos tem ?**

(17:05:43) Juli fala para =βëjjöqmëj@ö=: **19, ou quase...**

(17:06:11) =βëjjöqmëj@ö= reservadamente fala para Juli: **vc beija bem gatinha ?**

(17:06:54) Juli fala para =βëjjöqmëj@ö=: **nao tao bem quanto vc, mas estou me aprimorando**

(17:07:31) =βëjjöqmëj@ö= reservadamente fala para Juli: **queria dar um pouco da minha experiência pra vc gatinha**

(17:08:01) Juli fala para =βëjjöqmëj@ö=: **entao pode começar a me ensinar que eu estou esperando**

(17:08:24) =βëjjöqmëj@ö= reservadamente fala para Juli: **que tipo de beijo vc quer gatinha ?**

(17:08:57) Juli fala para =βëjjöqmëj@ö=: **daquele que tira o folego**

(17:09:18) =βëjjöqmëj@ö= reservadamente fala para Juli: **nossa gatinha queria ensinar esse pessoalmente ?**

(17:10:01) Juli fala para =βëjjöqmëj@ö=: **entao preciso saber de onde vc é**

(17:10:15) =βëjjöqmëj@ö= reservadamente fala para Juli: **interior de sampa gatinha e vc ?**

(17:11:40) Juli fala para =βëjjöqmëj@ö=: **sou uma gata do Nordeste, brozeada do sol de Recife**

Apesar de não esboçarem esforços para manter um contato físico a vontade de =βëjjöqmëj@ö=, ensinar pessoalmente Juli a beijar e as preocupações dela com idade e local de moradia dele expressam as limitações do ambiente virtual e a necessidade de querer trazer a experiência para o mundo real:

A conversa entre =βëjjöqmëj@ö= e Juli flui até o momento em que Juli se chateia e resolve encerrar a relação. Juli irrita-se com a pergunta de =βëjjöqmëj@ö= e simplesmente desconecta-se, apesar das desculpas de =βëjjöqmëj@ö=.

(Exemplo B) - Diálogos no Chat

“(17:16:52) =βëjjöqmëj@ö= reservadamente fala para Juli: **vc é virgem gatinha ?**

(17:17:08) Juli fala para =βëjjöqmëj@ö=: **to fora, beijos**

(17:17:33) =βëjjöqmëj@ö= reservadamente fala para Juli: **desculpa gatinha tá !!!!!**

(17:18:24) =βëjjöqmëj@ö= reservadamente fala para Juli: **tudo bem gatinha desculpa!!! tchau !!!”**

Isso demonstra a efemeridade dos relacionamentos, em que a conversa pode ser cortada a qualquer momento. Afinal de contas, a intimidade nos chats, assim como a identidade, são construídas permanentemente e nunca acabada.

Considerações gerais

O livro “Sexo, afeto e era tecnológica”, organizado por Sérgio Porto, estuda chats na Internet e chega a seguinte conclusão: “O mundo virtual não inova, ele simplesmente repete as imagens, os valores e os textos do mundo real”(Porto,1999:127)

Não se pretende negar que a sexualidade virtual desenvolvida nos chats, embora locadas em um ambiente potencialmente novo, ainda apresentam elementos tradicionais cartesianos e patriarcais. Porém, o argumento central desta discussão difere parcialmente dessa conclusão, a medida que vislumbra transformações e novas possibilidades de modificação das relações de gênero e familiares que os sistemas tecnológicos propiciam, mesmo que sejam muitas vezes tênues e quase invisíveis.

De certo, a principal transformação do exercício da sexualidade virtual refere-se ao rompimento entre sexualidade e procriação, desvinculando-a de sua função biológica. Conforme afirma Prates (1999) são veiculados caso verdadeiros de pessoas que se conheceram através da Internet e posteriormente estabeleceram relações amorosas, no entanto em seus experimentos, o máximo a que chegaram foi a troca de endereços eletrônicos – e-mail. Ou seja, o comportamento habitual do sexo virtual, na maioria das vezes encerra-se no virtual, eliminando os elementos biológicos e reprodutivos da concepção naturalizada da sexualidade.

Giddens(1993) já anunciava essas mudanças radicais no comportamento sexual identificadas, principalmente, pelo surgimento da ‘sexualidade plástica’, fruto da separação entre sexualidade e reprodução, a partir do controle da mulher sobre sua concepção, via difusão do uso de métodos anticonceptivos moderno.

Segundo Giddens, na época atual, a pressão da emancipação e da autonomia sexual feminina potencializa a abertura de um relacionamento puro, denominado de amor confluyente. O amor confluyente é ativo, contingente e, de alguma forma, fragmenta a idéia do amor romântico, opondo-se à dependência da identificação projetiva, cuja

sensação de totalidade com o outro são intensificadas pelas diferenças estabelecidas entre o feminino e o masculino. Giddens afirma que o amor confluyente não é claramente orientado pelo casal heterossexual (embora talvez seja estruturado em torno da diferença) e que presume um modelo de relacionamento puro, em que é fundamental o conhecimento das peculiaridades do outro, associado a auto-identidade e a autonomia pessoal.

A sexualidade virtual opera também nas relações de gênero. A mulher apesar de ainda manter-se em uma posição de submissão, respondendo em sua maioria a estímulos dominantes masculinos, já consegue articular-se conforme seus desejos. Assumir seus desejos é, pois, o ponto alto para a superação das relações de poder. Giddens designa de transformação da intimidade esse processo onde as mulheres exercem papel tão importante, reivindicando prazer sexual. Neste sentido, o desvencilhar da relação sexualidade e sentimentos reflete-se nas relações efêmeras travadas no espaço virtual, dando asas ao chamado relacionamento puro de Giddens.

A utilização dessas considerações remete ao impacto da configuração da sexualidade nos contextos virtuais sobre a família.

Conforme esboçado no início desse estudo, o perfil demográfico da família brasileira aponta para o crescimento de arranjos monoparentais e unipessoais, sugerindo o enfraquecimento do modelo tradicional de família e fortalecimento do valor do individualismo nas camadas médias⁵, na sua versão de alta modernidade.

Sendo assim, a sexualidade virtual pode atuar na contemporaneidade brasileira dos arranjos familiares a medida que o estabelecimento das relações em espaço virtual, voltada para satisfazer os desejos individuais, destituída das obrigações de reprodução e conjugalidade, com maior independência da mulher e maior efemeridade das relações, pode exacerbar os valores do individualism, a ponto de não somente transformar a família em um espaço privado a serviço dos indivíduos, mas converter família a indivíduo, sozinho, de frente para um computador.

⁵ Estudos sobre família como o de Machado (2001), sugerem que os valores do individualismos são específicos da classe média.

Referências Bibliográficas

- ARRILHA, Margareth (1998). *Ciência, multidisciplinaridade e sexualidade: recorte disciplinar - uma herança do século XIX*. In: A sexualidade nas ciências sociais. Org. por Maria Andréa Loyola. Rio de Janeiro, RJ: Ed. da UERJ. p.295 – 303
- BERQUÓ, Elza. (2001). Perfil demográfico das chefias femininas no Brasil. Seminário Estudos de Gênero Face aos Dilemas da Sociedade Brasileira. Fundação Carlos Chagas.
- BONZON, M e LERIDON, H. (1998) As construções sociais da sexualidade. Trad. Greice Menezes. Tradução para uso didático no IV Curso de metodologia de pesquisa, gênero, sexualidade e saúde reprodutiva. Salvador, BA : MUSA/UFBA. p.1-26. Texto original: Les constructions sociales de la sexualité.(1993). Paris: Population, 5, p 1173-1196
- CASTELLS, Manuel. (1999a) *A sociedade em rede*. Trad. Roneide V. Majer. São Paulo, SP: Paz e Terra. Vol. I.
- CASTELLS, Manuel. (1999b) *O poder da identidade*. Trad. Klauss Brandini Gerhardt. São Paulo, SP: Paz e Terra. Vol. II.
- FERNANDES, Jorge H. C (1998). *Ciberespaço: modelos, tecnologias, aplicações e perspectivas: da vida artificial à busca por uma humanidade auto-sustentável*. A disposição em www.
- FOUCAULT, Michel (1997). *História da sexualidade*. Trad. M.^a Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro, RJ: Graal. 12^o edição. Vol. I: A vontade de saber. Vol. II: O uso dos prazeres. Vol. III: O cuidado de si.
- FOUCAULT, Michel (1998). *Microfísica do poder*. Trad. e Org. Roberto Machado. Rio de Janeiro, RJ: Graal. 13^o edição.
- GIDDENS, Anthony (1993). *A transformação da intimidade*. São Paulo, SP: Editora da Universidade Estadual Paulista.
- GIFFIN, Karen (1997). *Corpo e conhecimento na saúde sexual: uma visão sociológica*. Rio de Janeiro: ENSP/FIOCRUZ. (mimeo).

GIRALDO, Fernando Urrea (1994). “La categoría de género en las ciencias sociales contemporáneas”. In *Discurso, Genero y Mujer* . Santiago de Cali. Editorial Facultad de Humanidades/Centro de Estudios de Género y la Manzana de la discordia,.

GOLDANI, Ana Maria (1993). *As famílias no Brasil e o Mito da Desestruturação*. Cadernos Pagu. No.1.

LEVY, Pierre (1996). *O que é o virtual?.* São Paulo, SP: Ed. 34

LOYOLA, Maria Andréa (1998). *A sexualidade nas ciências sociais*. Rio de janeiro, RJ: Ed. da UERJ.

MACHADO, Lia Zanotta (2001). “Famílias e individualismos”. *Interface, Comunic, Saúde Educ* 8

NUNES, César A. (1997). *Desvendando a sexualidade*. Campinas, SP: Papirus. 2ª ed.

PORTO, Sergio (org.) (1999). *Sexo, Afeto e Era Tecnológica*. UNB, Brasília

RUBIN, Gayle (1993) *O tráfico de mulheres: notas sobre a "economia política" dos sexos*. Tradução: Christine Rufino Dabat. Edição SOS Corpo, Recife. Original inglês.

SCOTT, Joan (1993). *Gênero: uma categoria útil para análise histórica.* Tradução: Christine Rufino Dabat e Maria Betânia Ávila.. Edição SOS Corpo, Recife. Original inglês.

SOUZA-LOBO, Elisabeth (1991). “Os usos do gênero”. In. *A classe operária tem dois sexo*. São Paulo, Brasiliense. p.185-191